



O que é isso, *Cannes?*

Um ano após a **consagração de 'O Agente Secreto'**, produções dirigidas por **realizadores brasileiros não dão as caras** no festival francês, que se **limitou a títulos estrangeiros** feitos em parceria com grandes produtoras nacionais, como **o chileno 'La Perra' (foto)**, da RT Features, com **Selton mello no elenco**. Páginas 2 e 3



Cannes inaugura sua 79ª edição nesta terça, com comédia francesa, e engata uma maratona de expressões autorais repletas de ganhadores de Oscar, com 'Thelma & Louise' como ícone



O Palais de Cannes se prepara para acolher meio mundo de 12 a 23 de maio

Vênus embalada em Palmas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Este não o Brasil não tem um "O Agente Secreto" para chamar de seu na competição oficial do Festival de Cannes, que abre sua 79ª edição do Festival de Cannes nesta terça-feira, com uma promessa de risos chamada "La Vénus Électrique" e dirigida por Pierre Salvadori. Apesar disso, o país participa como produtor - em maior ou menor grau - de cinco produções espalhadas por seções variadas do evento. O último dos 22 concorrentes à Palma de Ouro a ter sido divulgado, "Paper Tiger", de James Gray, conta com a RT Features, de Rodrigo Teixeira, nos créditos. No dia 23, quando os ganhadores da mais prestigiosa maratona cinematográfica do planeta forem anunciados, a saga de dois irmãos metidos numa encrenca (e com a máfia russa) pode nos dar uma láurea especial. Scarlett Johansson, Adam Driver e Miles Teller integram o elenco, sob a batuta do realizador de "Ad Astra" (2019), que também tem a RT no DNA.

Antes de falar de prêmios, Cannes celebra sua primazia no garimpo de jazidas estéticas bem envelopada num poste em homenagem ao cult "Thelma & Louise" (1992), com os rostos de Geena Davis e Susan Sarandon espalhados por seu balneário. Esta tarde, esse marco feminista de Ridley Scott será mencionado pela atriz francesa Eye Haidara, que comandará as ceri-



O poster oficial do festival homenageia o cult 'Thelma e Louise'

mônias de abertura e encerramento, como mestra de cena. Caberá a ela coordenar as homenagens especiais deste ano, em que Palmas de Ouro Honorárias serão entregues ao cineasta Peter Jackson e à atriz, cantora, diretora e ativista Barbra Streisand.

Antes disso tudo, Salvadori terá de fazer jus à confiança que

o time curatorial sob o comando do diretor artístico Thierry Frémaux depositou nele ao escalar "La Vénus Électrique" para abrir as alas de uma programação regada de grifes autorais. Essa tão esperada comédia de época à francesa nos leva até a Paris de 1928, onde o jovem pintor Antoine Balestro (Pio Marmái) lamenta a morte de sua



'Elefantes na Névoa' se passa num vilarejo do Nepal, terra natal de seu diretor, mas tem o Brasil entre suas produtoras

Cores de Almodóvar transbordam de 'Natal Amargo', em competição



esposa Irène, pela qual se culpa e que o fez perder a motivação para pintar. Refém do álcool, ele tenta entrar em contato com a esposa por meio de uma médium certa noite. Uma jovem trabalhadora de parque de diversões chamada Suzanne (Anaïs Demoustier), que havia entrado furtivamente no trailer apenas para roubar comida,

finje ser uma clarividente para Antoine. O negociante de arte do artista, o marchand Armand (Gilles Lellouche), está desesperado para que seu cliente continue pintando, então convence Suzanne a manter a farsa em troca do pagamento de suas dívidas. Ela começa a encenar sessões espíritas improvisadas para Antoine, nas quais finje canalizar

ENTREVISTA | HEITOR PITOMBO

JORNALISTA, TRADUTOR, COMPOSITOR E CANTOR

‘Meu trampo de criador está mais associado às notas musicais’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

X-Táticos, derivado porra-loca dos mutantes do Professor Xavier, é uma iguaria quadrinística que desce rascante na garganta de muito nerd, mas oxigena a cachola que Heitor Pitombo põe a serviço de duas artes pop: as HQs – das quais é tradutor e pesquisador – e da canção. Nessa área, é um multi-homem, como muitos heróis do mundo Marvel, feito a turma X de seu amado Mike Allred, roteirista e desenhista de que é fã. Roqueiro de fino domínio sobre os acordes de “Dark Side of The Moon”, esse jornalista de apuração precisa canta, compõe e grava. Tem um CD saindo do forno: “O Tempo Não É Nada”. Suas faixas recheiam o show que Pitombo fará no Teatro Brigitte Blair, nesta quinta-feira, às 20h.

Desde que começou a compor letras mais maduras, ali pelo começo dos anos 1980, esse Clark Kent carioca acumulou centenas de músicas na gaveta. Reuniu 13 das suas melhores – e mais uma, de autoria do amigo igualmente multi Arnaldo Bloch, também repórter, escritor, pianista e afins – em seu primeiro disco solo, o tal “O Tempo Não é Nada”. Além de estar disponível em todas as plataformas, a bolacha também possui uma versão física e reúne expressões poéticas do rock ao jazz, da mineiridade (e outras vertentes da MPB) ao rock progressivo. Tem até uma canção praieira que evoca, ao mesmo tempo, lisergia e Dorival Caymmi.

Astro da revista “Mundo dos Super-Heróis”, Pitombo lançou, faz pouco, o livro “Quadrinhos do Brasil”, lançado pela Editora Heroica. No papo a seguir, ele vai além dos balões num solfejo existencialista sobre processo de criação.

De que maneira o teu repertório atual demarca maturidade na tua relação com a música? O que mudou mais na tua relação com o som, o rock, o canto?

Heitor Pitombo - As músicas que gravei no meu disco, e que canto e toco nos meus shows, refletem a minha história. Faço trabalhos no segmento desde 1983. Em 40 anos de estrada, nunca havia gravado um CD com as minhas composições antes. “O Tempo Não é Nada” traz músicas que foram gestadas desde os anos 1980 até o final dos 2010. Selecionar as 14 faixas que entraram denotam não só a minha maturidade para escolher as que seriam mais procedentes para a minha estreia solo, como também atestam longevidade. E hoje em dia canto e toco melhor, mais pela vivência do que por qualquer outra coisa. Até as releituras de canções de outros artistas, que canto no meu show, espelham essa trajetória de vida.

E como a música e as HQs se combinam aí na cachola da tua cabeça?

As duas coisas habitam o universo do prazer e do trabalho. Digamos que o meu trampo de criador está mais associado às notas musicais enquanto que, em se tratando de arte sequencial, eu me considero um operário. Bem que eu gostaria de ser mais conhecido pela música que faço do que pelo trabalho que

já realizei nos quadrinhos. De qualquer maneira, são dois ofícios que requerem muita dedicação para que se possa pagar as contas.

O cineasta Wim Wenders costumava dizer “O rock’ n’ roll salvou a minha vida”. E a tua? Que operação de ordem redentora o rock fez?

A redenção, para mim, veio assim que o rock deixou de ser a linguagem mais crucial no meu som. Claro que a música pop que curti na minha juventude, em todas as suas vertentes, foi fundamental para a minha formação. As canções no meu disco espelham bastante essa influência. “Infinitas Viagens” e “Seus Lábios me Dizem” tem um pé no progressivo, ao passo que “Tudo é Sedução” tem aquele groove do funk do bem. Toquei em muita banda de rock ao longo das últimas quatro décadas, mas a música só começou a fazer sentido para mim, como algo maior, quando me deparei com a riqueza da MPB, da nossa música instrumental, do jazz, e do universo erudito. Beatles e Tom Jobim são incomparáveis, mas são igualmente importantes para a solidificação da minha filosofia musical.

Você é um dos mais respeitados tradutores de HQ no país. O que mais te surpreende no mercado de quadrinhos hoje? O que você leu de melhor nos últimos anos?



Vini?cius Giffoni/Divulgação

“Toquei em muita banda de rock, mas a música só começou a fazer sentido para mim, como algo maior, quando me deparei com a riqueza da MPB, da nossa música instrumental, do jazz, e do universo erudito”

O que continua me surpreendendo no mercado de quadrinhos nos últimos anos é a possibilidade de se ter cada vez mais obras de qualidade chegando continuamente às prateleiras das livrarias e das lojas virtuais. Na época em que eu estava crescendo, as HQs eram compradas majoritariamente nas bancas de jornais. O que se vê nos locais onde esses pontos de venda, cada vez mais escassos, ainda existem é um estreitamento dos gêneros à disposição, basicamente super-heróis, de mangás e da Turma da Mônica. Mas, felizmente, pode-se adquirir facilmente

pela internet material de categoria a rodo. Citaria como exemplo toda a obra do Fabien Toulmé, por exemplo. Os dois últimos quadrinhos que li são duas preciosidades sem tamanho: “Duas Moças Nuas”, de Luz, e “Sibylline: Crônicas de Uma Acompanhante”, de Sixtine Dano.

Que novos projetos musicais e literários você tem hoje?

Meu principal projeto do momento é a divulgação do meu disco, em shows como o que vai acontecer nesta quinta-feira, e de todas as

outras formas que forem possíveis. Quero muito rodar o Brasil com esse trabalho, vamos ver o que acontece... No que diz respeito à literatura, estou com algumas coisas em mente, mas só vou anunciar quando estiverem minimamente amadurecidas.

SERVIÇO

HEITOR PITOMBO
Teatro Brigitte Blair
(Rua Miguel Lemos 51-H,
Copacabana)
14/5, às 20h
Ingressos a R\$ 120 e R\$ 60
(meia)

CRÍTICA DISCO | KOTA, A COR DA PELE

POR AQUILES RIQUE REIS*

Que sentimento será esse que nos ata com nós tão cegos que aperta o peito e faz com que nos pressintamos protegidos? Não importa gênero, raça, cor, credo ou nacionalidade, lá está ele impregnando dessa razão que nos faz seres humanos, a amizade!

Bem, é claro que a amizade pode ser destruída num momento de raiva. Mas, ao contrário do amor, que quando acaba pode ser definitivo, a amizade pode ser retornada. Só resguardando uma condição: qual seja, quando ao contrário de você, que é um democrata convicto, chega um parente próximo e adota um “mito” político pra chamar de seu! Vixe! Aí não, né? Misericórdia!

Esta divagação só veio após eu ouvir “Kota, a Cor da Pele” (Mills Records), o décimo álbum do violonista, compositor e cantor Cláudio Jorge. Ele se valeu do termo “Kota”, como são chamados os mais velhos em Angola – os que transmitem conhecimento, como referência às cotas raciais no Brasil; enquanto o subtítulo “A cor da pele”, ainda segundo ele, é o que define o destino de muitos brasileiros – quanto mais escura, maiores as barreiras a serem vencidas na luta por cidadania.

Bem humorado, CJ revela que privilegiou a participação de músicos e parceiros negros, mas abrindo algumas cotas para seus amigos brancos.



As canções de ‘Kota, a Cor da Pele’, o décimo álbum de Cláudio Jorge, reverberam arranjos de grandes nomes da MPB

Amigo é para sempre

Chego a pensar que Cláudio pode ser meu amigo, tanto quanto já é de um montão de gente que se refere a ele como um amigo de

verdade – e não só porque ele é um dos maiores violonistas brasileiros e um grande compositor, não... ele é gente boa! Enfim, um

bom amigo!

E o farto rol de amizades de Cláudio atravessou o oceano e encontrou apoio em Angola, onde

obteve recursos para gravar as treze faixas do CD: oito inéditas, parcerias com Joyce Moreno, Nei Lopes, Joel Silva, Ronaldo Barcellos, Chico César, Wilson das Neves, Elton Medeiros e Arlindo Cruz. Um baita time de amigos de fé!

Os arranjos são tocados por grandes instrumentistas do samba e da MPB, exprimindo em cada faixa a musicalidade que faz de Cláudio Jorge um cara a ser ouvido, e mais do que isso, a ser respeitado em sua grandeza! Ouça o álbum: <https://11nq.com/pecoa36>

Ficha técnica

Produção Artística: Cláudio Jorge; gravação e mixagem: Lourival Franco; masterização: Carlos Mills; designer da capa: Oliveira & Naccarato – d’après Rubem Valentim; gravação: Estúdio Vale da Tijuca Voz, violões, kalimba e arranjos: Cláudio Jorge; André Siqueira (tumbadoras, pandeiro, xequerê, ganzá, agogô, talkig grum e efeitos); Marcelinho Moreira: tamborim, pandeiros, tan tan; palmas: Augusto Martins, Cláudio Jorge, Carlinhos 7 Cordas, Pedro Franco Gabriel Versiani, Ivan Machado: contrabaixo; flautas e arranjo de flautas: PC Castilho; violão de 7 cordas: Carlinhos 7 cordas; percussões: Marcelinho Moreira (pandeiros, tan tan, caixa, ganzá, tamborim); flautas e arranjo de flautas: Humberto Araújo; violino: Pedro Franco; teclados: Luiz Otávio; trompeta: Diogo Gomes.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Paul e Ringo em dueto

Paul McCartney e Ringo Starr lançam “Home To Us”, primeiro dueto dos ex-Beatles desde o fim da banda em 1970. A canção, que também conta com participação de Chrissie Hynde e Sharleen Spiteri, é a segunda faixa do álbum “The Boys Of Dungeon Lane”. Apresentada em evento exclusivo para pouco mais de 50 (sortudos) convidados na sede do Abbey Road Studios, em Londres, a canção - escrita por Paul McCartney e Andrew Watt - celebra as origens do dois únicos beatles vivos em seus tempos de Liverpool.



Amadurecimento

Lemuriano lança o EP “Dança da Maré”, trabalho autoral com seis canções que refletem sobre amadurecimento, amor e superação através da metáfora das marés. Com sonoridade entre MPB, pop rock e influências dos anos 1990 e 2000, o projeto reúne guitarras marcantes e lirismo poético. Destaque para “Raios De Sol”, “Litoralmente” e “Altas Doses De Verão”. O EP conta com participação especial de Tuca Mei e produção do próprio Lemuriano em parceria com Elísio Freitas, um dos produtores mais requisitados da cena independente.



O primeiro audiovisual

Black Pantera lança “Resistência! Ao Vivo no Circo Voador”, primeiro registro audiovisual da carreira. O álbum documenta show realizado nas lonas da Lapa em novembro em apresentação que celebrava 11 anos de trajetória da banda carioca. O trio mistura punk, hardcore e heavy metal com posicionamento antirracista. “Foi uma noite histórica de celebração, de conquista, de vitória”, afirma Chaene da Gama (baixo e vocal). Clipes das demais faixas serão lançados até 15 de junho no YouTube oficial da banda.

CORREIO CULTURAL

Divulgação

'Foreign Tongues' virá na sequência de 'Hackney Diamonds'

Stones anunciam novo álbum para julho

The Rolling Stones anunciam "Foreign Tongues", álbum de estúdio lançado em 10 de julho pela Polydor/Universal Music.

Com 14 faixas, o disco de inéditas chega três anos após "Hackney Diamonds" (2023), vencedor do Grammy Awards naquele ano.

O primeiro single do novo trabalho, "In The Stars", foi divulgado em 5 de maio, acompanhado pela faixa de abertura

"Rough And Twisted".

Uma curiosidade em torno de "Foreign Tongues" é que o álbum inclui material inédito e composições das últimas sessões de estúdio com o baterista Charlie Watts, falecido em 2021, e parcerias com o ex-beatle Paul McCartney e Robert Smith (The Cure).

Para dedicar-se totalmente à finalização deste álbum, a banda cancelou sua agenda de shows deste ano.

Rádio Nacional, 90 anos

Em comemoração às nove décadas da Rádio Nacional, a emissora pública lança a série Rádio Memória - 90 anos com um mergulho na história de um dos veículos de comunicação mais importantes do país. A novidade nesta terça-feira (12), a 100 dias da efeméride. Em formato de videocast, o programa reúne fatos marcantes e curiosidades que ajudam a contar a trajetória da emissora. Apresentado por Dylan Araújo, o conteúdo ficará disponível no canal do YouTube da Rádio Nacional e ao longo da programação da emissora.

Mais interação

A nova temporada do programa Sem Censura vai incluir maior presença do público na telinha da produção apresentada por Cissa Guimarães na TV Brasil. O bate-papo da emissora pública estreia nova temporada nesta segunda (11), ao vivo, às 16h, com mais participação social.

Mais interação II

Além da interação que já ocorre pelas redes sociais, cujas mensagens são lidas pela apresentadora durante o diálogo com os convidados, agora a produção traz as pessoas para dentro do bate-papo em torno dos assuntos do dia com um quadro povo-fala nas ruas.

Anitta cotada para cantar na Copa

A Fifa prepara uma programação musical de grande porte para a Copa do Mundo, segundo informações publicadas pelo The Athletic, divisão esportiva do The New York Times. Entre os nomes cotados pela entidade estão Anitta, Katy Perry, Lisa, Michael Bublé e Alanis Morissette. As atrações ainda não foram confirmadas oficialmente pela Fifa.



Divulgação



Divulgação

O Tá na Rua completa 45 anos promovendo acesso à cultura por meio de apresentações em espaços públicos e oficinas de formação

Se o cordel é do povo, que se leve cordel ao povo

Em seu aniversário de 45 anos, o Tá na Rua ministra oficina gratuita desta linguagem popular nordestina

Quando a rua vira palco de histórias que não cabem em lugar fechado, a gente sabe que está falando do Tá na Rua. Desde 1980, o coletivo carioca fundado por Amir Haddad transformou o teatro de rua em linguagem própria, enraizada na cultura popular brasileira. Agora, em seus 45 anos de atividade, o grupo abre as portas de sua sede na Lapa para uma oficina que promete mergulhar participantes na construção de um cordel que mistura poesia, música e teatro — tudo em torno de uma história de transformação e encantamento.

A oficina "Cordel de Santo Antônio" tem início nesta terça-feira (12) e vai até 20 de junho, com aulas terças-feiras (19h às 22h, das 10h às 13h). O foco é trabalhar a construção do espetáculo de mesmo nome, que narra a jornada de Antônia, uma jovem sertaneja que, após perder a mãe na infância, segue guiada por Santo Antônio em direção ao mar. A narrativa se desenrola como uma aventura cheia de reviravoltas.

Os cordéis ocupam lugar central na formação artística do Tá na Rua desde sua fundação. Para Ana Carneiro, co-fundadora e curadora do grupo, essa linguagem dialoga diretamente com um dos pilares do coletivo: o lúdico e o popular como formas de olhar para a vida e para a cena. "Um ponto importante

“Um ponto importante da linguagem do Tá na Rua é a presença do lúdico, da brincadeira. E as histórias de cordel são sempre assim, transformando situações duras da vida dos personagens em histórias mirabolantes, cheias de reviravoltas”

ANA CORDEIRO

da linguagem do Tá na Rua é a presença do lúdico, da brincadeira. E as histórias de cordel são sempre assim, transformando situações duras da vida dos personagens em histórias mirabolantes, cheias de reviravoltas”, explica.

A oficina reforça também a relação histórica do grupo com a cultura popular. Os cordéis, tradicionalmente narrados em feiras e praças por poetas cordelistas, tornam-se elo fundamental entre o coletivo e os saberes populares construídos na vida cotidiana.

A atividade integra o projeto "Tá na Rua 45 Anos – Reciclando as Estruturas", contemplado pelo Programa Funarte de Apoio a Ações Continuadas. Com vagas limitadas, a oficina conta com ações afirmativas destinadas a pessoas trans, travestis, não-binárias, pessoas pretas, indígenas, periféricas e pessoas com deficiência — um gesto que reafir-

ma o compromisso do grupo com a democratização do acesso à arte.

A oficina se encerra com a apresentação pública do espetáculo de rua "Cordel de Santo Antônio" nas ruas da Lapa, marcada pela musicalidade e pela interação direta com os passantes. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas pelo formulário disponível no site do grupo.

SERVIÇO

OFICINA CORDEL DE SANTO ANTÔNIO

Sede do Grupo Tá na Rua (Av. Mem de Sá, 35 – Lapa)
De 12/5 a 20/6, às terças (19h às 22h) e sábados (23/5, 6 e 20/6, 10h às 13h)

Inscrição* pelo formulário <https://acesse.one/n708var>
*Vagas afirmativas (reservadas para pessoas trans, travestis, não-binárias, pretas, indígenas, periféricas e com deficiência)

Revolução rosada

no mundo dos vinhos

Chilena Concha Y Toro adquire controle da Maison Mirabeau, famosa na Provence por seus rosés emblemáticos

AFFONSO NUNES

A Concha y Toro surpreendeu o mundo do vinho ao anunciar a aquisição de participação majoritária da vinícola francesa Maison Mirabeau, movimento que a conecta a gigante chilena diretamente à Provence, berço dos rosés mais elegantes e influentes que se conhece.

A Provence há décadas é referência na produção desse tipo de rosé: vinhos de cor pêssego ou salmão pálido, quase translúci-



Dirigentes das duas vinícolas brindam a parceria, que posiciona o grupo chileno em posição vantajosa no mercado

dos, cuja leveza visual antecipa a fineza aromática. No centro disso tudo estão as uvas que definem a identidade provençal — principalmente Grenache, Cinsault, Syrah e Mourvèdre, com participações menores de Tibouren, Carignan e da branca Rolle (Vermentino), utilizadas para trazer

frescor e textura.

Ao integrar a Maison Mirabeau ao seu universo, a Concha y Toro abraçar essa identidade provençal — uma filosofia que valoriza transparência aromática, precisão técnica e uma estética de pureza e frescor. É o estilo que conquistou o mundo não

por exuberância, mas por discrição: rosés que falam baixo, mas deixam marcas profundas pela harmonia entre fruta, acidez e mineralidade.

“O ponto de virada foi visitar os vinhedos Bonterra, na Califórnia. Ver o nível de compromisso da Concha y Toro com a agricul-

tura regenerativa nos fez perceber que compartilhávamos a mesma visão para o futuro do vinho”, explicou Stephen Cronk, co-fundador da Mirabeau, em entrevista ao The Drinks Business.

Fundada em 2010 por Stephen e Jeany Cronk, a Maison Mirabeau logo se destacou por traduzir fielmente a paisagem da Provence em seus vinhos: frescor marítimo, sol moderado, noites frescas e solos que equilibram retenção hídrica e drenagem. Combinações de Grenache com Cinsault ou Mourvèdre resultam em rosés delicados e gastronômicos, feitos para acompanhar pratos leves de pescado, saladas herbais e carpaccios. Com essa aproximação, a Concha y Toro adiciona ao seu repertório uma linhagem de rosés que carrega a alma da Provence, ampliando sua presença no mercado internacional.

Ao incorporar uma marca reconhecida pelo estilo provençal clássico, a Concha y Toro amplia sua atuação no segmento de maior crescimento global entre consumidores jovens, urbanos e orientados por escolhas gastronômicas.

A robusta estrutura de distribuição internacional da empresa chilena deve acelerar a presença da Maison Mirabeau em mercados estratégicos como Reino Unido, Estados Unidos e países nórdicos, onde o rosé provençal já é referência consolidada. Para consumidores latino-americanos, inclusive brasileiros, a operação pode representar acesso ampliado a rosés franceses de alta qualidade, historicamente menos disponíveis e frequentemente associados a preços elevados.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR **NATASHA SOBRINHO**



Jardim de sabores

O São Miguel Restaurante acaba de chegar à Rua Assunção cercado de expectativa no circuito gastronômico carioca. Instalado em um casarão reformado de quase 2 mil m², o espaço une salão, bar e jardim com atmosfera tropical e capacidade para 450 pessoas. À frente da cozinha, o chef Frederico Xavier aposta em um menu brasileiro contemporâneo, com destaque para cortes na brasa e frutos do mar. A casa também terá pratos do dia durante a semana, além de feijoada aos sábados e cozido aos domingos, além de sobremesas clássicas.



Parceria argentina

O restaurante Corrientes 348 se prepara para lançar um festival em parceria com a Antiguas Estancias Don Roberto, uma das mais tradicionais produtoras de carnes premium da Argentina, com mais de 80 anos de história. Serão oferecidos Corte especial 348, bife de chorizo, asado de tira, tapa de cuadril, denver entraña e bife ancho, cortes de origem especial, em quantidades limitadíssimas. Os cortes são provenientes da raça Hereford, nascidos, criados e recriados na província de San Luis, no centro-oeste da Argentina.



Luxo carioca

O Sofitel Ipanema, com previsão de abertura para outubro, prepara uma nova fase unindo o savoir-faire francês ao estilo descontraído da orla carioca. A gastronomia será um dos grandes pilares do hotel, com proposta voltada tanto para hóspedes quanto para moradores da cidade. Entre as novidades, a chegada do premiado restaurante Lasai, do chef Rafa Costa e Silva. O projeto inclui uma brasserie, rooftop bar com inspiração espanhola e integração com a praia. A proposta é transformar o hotel num destino gastronômico e de lifestyle.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Alvoradas
cariocas

Há um instante no Rio de Janeiro que não pertence a ninguém — nem aos apressados, nem aos distraídos. É a alvorada. Não o nascer do sol em si, que já é espetáculo suficiente, mas o que vem antes, aquele intervalo suspenso em que a cidade parece prender a respiração, como se soubesse que algo delicado está prestes a acontecer.

Caminhar pela orla nesse horário é quase um ato de fé. O mar, ainda sem plateia, se move com uma dignidade antiga. As ondas chegam sem pressa, como quem repete um gesto aprendido há séculos. Um pescador solitário organiza seus apetrechos com a precisão de um ritual. Mais adiante, um corredor corta o silêncio com passos leves, respeitando, sem saber, a liturgia daquele momento.

A luz começa tímida, desenhando contornos antes de revelar cores. Primeiro, um azul indeciso. Depois, um dourado que escorre pelos prédios, invade as janelas, acorda os morros. É nessa hora que o Rio deixa de ser promessa e volta a ser realidade — mas uma realidade ainda pura, sem o peso do dia.

Nos bairros antigos, a alvorada tem outro ritmo. Em Santa Teresa, o bonde parece acordar junto com os passarinhos, rangendo suave pelos trilhos, como se não quisesse interromper o silêncio. Na Lapa, restos da noite ainda resistem — uma garrafa esquecida, uma cadeira fora do lugar, a memória recente de um riso alto. A cidade não apaga o que foi; apenas sobrepõe camadas, como uma fotografia que insiste em guardar todas as exposições.

E há os trabalhadores da madrugada, esses personagens invisíveis que conhecem o Rio antes de ele se maquiar para o dia. O gari que varre a calçada com um ritmo quase musical, o jornaleiro que organiza as manchetes ainda frescas, o padieiro que abre a porta deixando escapar o cheiro de pão quente — pequenos sinais de que a vida, aqui, não espera o sol para começar.

O curioso é que a alvorada carioca não se impõe; ela se oferece. É preciso disposição para percebê-la, uma certa paciência de quem aceita olhar sem pressa. Porque o Rio, nesse instante, não quer ser conquistado — quer ser observado. Como uma fotografia que não pede legenda, apenas silêncio.

Quando o sol finalmente se firma, trazendo consigo o barulho dos ônibus, das conversas apressadas, dos celulares que despertam, algo daquela quietude inicial ainda resiste. Está no brilho diferente do olhar de quem acordou cedo, na calma de quem viu a cidade antes de ela vestir suas urgências.

Talvez seja isso que a alvorada nos ensine: o Rio não é apenas o que se mostra ao meio-dia, sob luz plena e calor intenso. Há um outro Rio, mais sutil, que se revela a quem chega cedo, a quem aceita o convite de testemunhar o nascimento do dia como quem folheia, com cuidado, uma velha fotografia.

E, no fundo, é nesse breve intervalo — entre a noite que se despede e o dia que ainda hesita — que a cidade parece mais verdadeira. Não porque esconde menos, mas porque, por alguns minutos, não precisa fingir ser outra coisa.

Corra e olhe o sol.

